

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Respeito à diversidade NAS EMPRESAS

Firmas com mais de 100 funcionários devem reservar 2% das vagas para pessoas com deficiência e garantir um ambiente inclusivo

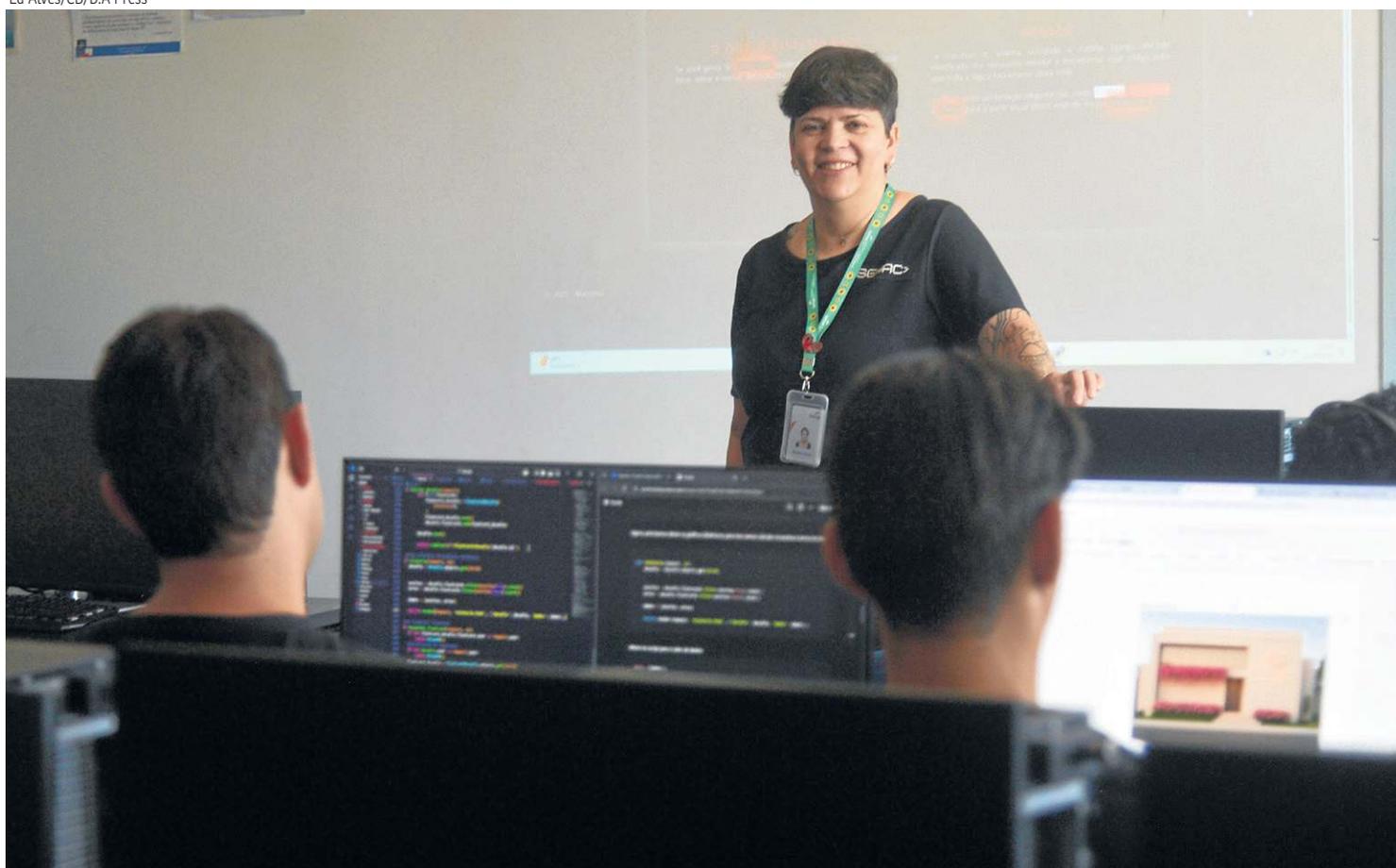
Ed Alves/CB/D.A Press

» JAQUELINE FONSECA

A professora Maristela Nunes de Oliveira, 52 anos, descobriu que tem autismo há três anos. Muito antes disso, há quase três décadas ela trabalha com tecnologia e leciona cursos técnicos no Senac. Ela sempre percebeu que tinha comportamentos atípicos e desde os 20 anos faz tratamento, mas o diagnóstico sempre veio como depressão e ansiedade. A partir de 2016, ela começou a procurar novos médicos para entender melhor o quadro de saúde. Inicialmente, os exames apontavam altas habilidades e superdotação, mas com uma investigação mais completa, foi fechado o diagnóstico de TEA de suporte 2. “O autismo em adulto é muito complicado. Porque a pessoa se acostuma a mascarar os sintomas e aprende a conviver com as pessoas, se força a muitas coisas e aí o diagnóstico é mais complicado”, comentou ao **Correio**.

Ela relata ainda que, após o diagnóstico, começou a estudar muito sobre o assunto e conseguiu ajudar outras pessoas — especialmente os alunos — a entender as próprias condições e buscar auxílio profissional. “Quando você passa uma vida indo de médico em médico, mudando de medicação e nada dá certo, tem uma hora que desespera. O diagnóstico foi um divisor de águas na minha vida e da minha família. O autoconhecimento é importante para qualquer um, mas para um autista muda tudo, você responde a muitos porquês”, desabafou.

A professora afirma ainda que se identifica com a área de tecnologia em função do uso do raciocínio lógico, e aponta que recebe o apoio necessário do local onde trabalha. “Normalmente, trabalho nos dois



Maristela Nunes, que descobriu ter autismo há três anos, elogia o acolhimento do Senac, onde é professora

turnos, mas, no Senac, se eu não me sinto bem por algum motivo, aviso com antecedência para que os alunos não se desloquem de casa, sou substituída ou flexibilizam a aula. O Senac tem um olhar especial para as necessidades individuais”, detalhou a professora.

Em outro ponto de Brasília, Luís Felipe Lima Sena Sales, 23 anos, conseguiu um emprego recentemente. Após ficar um ano em busca de trabalho na área de jornalismo, em que é formado, ele passou em primeiro lugar em pro-

cesso seletivo para atuar na área administrativa de um hospital particular. O jovem, que faz parte do programa Incluir, do Senac-DF, recebeu o diagnóstico de TEA ainda na infância e relata que sentiu na pele os efeitos do bullying e do preconceito. “Eu não me comportava em sala de aula e vivia brigando. Fui até agredido no ensino médio, tive que ir ao hospital e dei pontos no nariz”, detalhou.

Agora, ele diz que se sente confortável com as condições e o local de trabalho. “Eu aprendo muito

rápido, se me ensinar uma vez, eu já começo fazer. Aqui eu trabalho normalmente de segunda a sexta. Sou bem tratado, as pessoas me respeitam bastante, gosto muito do meu trabalho”, detalhou o jovem Luís Felipe, que também é criador de conteúdo nas redes sociais.

Meta pela equidade

O Brasil tem uma meta, firmada com a ONU, por meio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para alcançar o emprego

pleno e produtivo para todas as pessoas, inclusive as com deficiência, além de remuneração igual para trabalho de igual valor.

O Ministério Público do Trabalho (MPT) atua com uma coordenação específica para alinhar ações de fiscalização e conscientização no sentido de garantir que o país cumpra a meta e garanta os direitos dos trabalhadores com autismo.

Danielle Olivares Corrêa, coordenadora de Promoção da Igualdade de Oportunidade e Eliminação da Discriminação no Trabalho